

## **1a. PARTE — ESTUDOS**

## RAIMUNDO GIRÃO E A HISTÓRIA DO CEARÁ

Carlos d'Alge

A bibliografia de Raimundo Girão alcança duas dezenas de publicações e compreende trabalhos de investigação histórica, econômica, sociológica, geográfica e genealógica. A consulta a seus livros é fundamental para quaisquer estados regionais. O cuidado no preparo das edições, as referências e índices bibliográficos, as notas e apêndices, recomendam-no como pesquisador metódico e autoridade bem informada.

Da sua extensa bibliografia publicou a Imprensa da Universidade Federal do Ceará: a **Geografia Estética de Fortaleza**, iniciando em 1959 a coleção Biblioteca de Cultura, série Documentário: a **História da Faculdade de Direito**, de 1960; o **Vocabulário Popular Cearense**, de 1967; a 2ª edição de **A Abolição no Ceará**.

A **Geografia Estética de Fortaleza** veio completar a 1ª edição da **Pequena História do Ceará**, detendo-se o autor sobre a evolução da capital, estudando a sua paisagem humana, ensinando-nos a “amar a cidade na admiração das suas belezas, e encantos, na apreciação artística e espiritual de tudo o que ela possa ofertar de natural, de humano, de sentimental nos seus palácios e casebres, nos seus recantos de toda a sorte, nas suas praias, nas suas vias, nas suas pontes, nos seus parques, nos seus monumentos, nas suas relíquias, nas suas luzes, na graça das suas cachopas, nos costumes e hábitos de sua gente, na sua cultura mental, no seu folclore, na singularidade, enfim, do seu complexo urbanístico, social e político”.<sup>1</sup>

---

(1) **Geografia Estética de Fortaleza**, Biblioteca de Cultura, série Documentário, Imprensa Universitária do Ceará, 1959, pág. 15.

Seguem-se a **História da Faculdade de Direito** e o **Vocabulário Popular Cearense**, este precioso manual de consulta para qualquer investigação nos campos da antropologia, sociologia e folclore do Ceará. Ressalte-se que o **Vocabulário** já foi utilizado em Paris, durante um semestre de estudos de literatura brasileira, na Sorbonne, nas aulas ministradas pelo Professor Raymond Cantel.

Detenhamo-nos na 3ª edição da **Pequena História do Ceará**. Revista pelo autor, esta edição integra a série Documentário, vol. 5, da Biblioteca de Cultura da UFC. Desnecessário ressaltar o esmerado aparato gráfico, que confirma o excelente nível atingido pela Imprensa Universitária.

Realiza-se uma deliciosa aventura percorrendo, através do livro, os cenários, sombras e cores, o trágico e o épico, do grande painel que é a história do Ceará. A síntese histórica do Estado, arrumada segundo os desejos de Tomás Pompeu Sobrinho, aí está, atendendo, como assinalou o inesquecível cientista, “a prementes solicitações do momento no setor cultural e político”.

São um pouco mais de três e meio séculos de história, a contar da chegada da **bandeira** exploradora chefiada por Pero Coelho de Sousa que, em 1603, alcançava terras cearenses, comandando 65 soldados e 200 índios e no meio daqueles o soldado Martim Soares Moreno. Daí, até o desenvolvimento do Ceará atual, é toda uma epopéia de luta, conquista, derrota, cansaço, aventura, sofrimento, êxito, e progresso.

O livro compreende nove títulos que agrupam diversos capítulos. Os títulos correspondem aos seguintes temas: Primórdios da Colonização; A Formação Étnica e Social; a Formação Econômica; A Formação Político-Administrativa; Política Cearense no Império e na Regência; A Política Cearense no Segundo Reinado; A Política Cearense na República; A Formação Espiritual; e Evolução e Desenvolvimento do Ceará Atual.

Precede a obra notável Roteiro Bibliográfico, valiosa fonte de referências a documentos e estudos sobre a História do Brasil e a História do Ceará. O primeiro documento é a **Relação do Maranhão**, escrita pelo Padre Luís Figueira, em 26 de março de 1608, seguindo-se lista de obras publicadas nos séculos 17

e 18; os estudos realizados no século passado por João Brígido, Senador Pompeu, Pedro Theberge e Tristão de Alencar Araripe; ressaltada a importância da fundação do Instituto do Ceará, a 4 de março de 1887, e a sua contribuição para a historiografia cearense através da Revista do Instituto e dos trabalhos de pesquisa elaborados pelo Barão de Studart, Tomás Pompeu de Sousa Brasil, Carlos Studart Filho, Tomás Pompeu Sobrinho, Renato Braga, José Aurélio Saraiva Câmara e Mozart Soriano Aderaldo.

A **Pequena História do Ceará** é destinada ao leitor médio, assim esclarece Raimundo Girão, “não satisfeito com meras sínteses, nem disposto a leituras mais acuradas e difíceis”. Acrescentaria que não somente ao leitor médio, mas a qualquer interessado, erudito ou não, pela história cearense. Livro de fácil assimilação, de redação clara e concisa, bem estruturado e apresentado, não se perdendo em minúcias enfadonhas, mas atingindo a pronta comunicação, constitui-se em um roteiro preciso ao alcance de professores, estudantes, pesquisadores, ou daquele público médio, interessado em conhecer um pouco melhor a história de uma terra curiosa e sofrida.

No painel em que se fixam três séculos e meio de história há lances dramáticos, aos quais o historiador empresta a necessária emoção, respeitando a verdade histórica e enriquecendo-a com instantes de criatividade. O primeiro desses lances é a lenda tristíssima do êxodo de Pero Coelho, conforme a expressão de João Brígido. Aí aparece em cenário sombrio e devastador a seca de 1605/1606, a primeira que a história cearense registra. Narra-nos o autor a dolorosa peregrinação do pioneiro da conquista do Ceará, que inicia, com a família, a longa marcha do Jaguaribe ao Forte dos Reis Magos, no Rio Grande do Norte. Depois a viagem dos jesuítas Francisco Pinto e Luís Figueira, sucedendo o martírio do primeiro e o conhecimento da terra pelo segundo que, após tentar a catequização do gentio, vai morrer, como náufrago, devorado pelos índios aruãs, da ilha de Marajó, em 1643. A posse da terra com Martim Soares Moreno, “o patriarca da civilização do Ceará”, na definição de Pedro Calmon, imortalizado no romance de Alencar. Os ataques e as invasões estrangeiras. A chegada dos holandeses ao Mucuripe, as explorações do Comandante Gedon

Morris de Jonge e a sua morte pelos índios revoltados que aniquilaram em 1644 a Fortaleza de São Sebastião, erguida por Soares Moreno. Os anos de abandono até à nova tentativa de colonização por Matias Beck e a construção do Forte de Schoonenborch, berço da cidade de Fortaleza.

Depois dessa perspectiva em que se delineiam os termos da conquista e posse da terra, da colonização e catequização, da presença holandesa, e sua contribuição para a fundação da Capital, descreve Raimundo Girão o quadro fisiográfico do Ceará, a sua formação étnica, o povoamento e a consolidação do domínio português. Analisa o historiador as sesmarias e a formação da propriedade territorial, a divisão de classes, a habitação, o vestuário e a alimentação.

Destaca-se o registro ao vaqueiro ou à civilização específica do pastoreio, a única viável ao território cearense. Era a “época do couro”, referida por Capistrano de Abreu:

“de couro era a porta das cabanas; o rude leito aplicado ao chão duro, e, mais tarde, a cama para os partos; de couro todas as cordas, a borracha para carregar água, o mocó ou alforje para levar comida, a mala para guardar a roupa, a mochila para milhar cavalo, a peia para prendê-lo em viagens, as bainhas de facas, as broacas e os mourões, a roupa de entrar no mato, os banguês para curtumes ou para apurar sal.”<sup>2</sup>

E era também a época da casa de fazenda, semelhante em função à casa grande dos engenhos da zona açucareira. Só o gado empolgava a gente da fazenda. Não havia luxos. A mesa era farta e a alimentação se baseava exclusivamente na carne e no leite e seus derivados. Não se comiam frutas nem legumes. Diz Raimundo Girão que “o Ceará ainda é o sertão melhorado, mais civilizado, porém sertão”.

Conta-nos o historiador como principiaram a funcionar as charqueadas, comércio exclusivo da capitania, e sua impor-

---

(2) ABREU, Capistrano de. **Capítulo de História Colonial (1500 - 1800)**. Edição da Sociedade Capistrano de Abreu, F. Brigueiet & Cia., Rio de Janeiro, 1934, pág. 143.

tância na economia cearense, para ressaltar os efeitos desastrosos da grande seca de 1790/92 que, aniquilando a rendosa indústria, possibilitou o seu reaparecimento, mais tarde, no Sul do País.

A formação político-administrativa é examinada no título 4.º, indispensável para se conhecer a administração judiciária e fazendária da capitania, tornada autônoma pela carta régia de 1799. Aí se retrata, também, o início das exportações para o exterior e como se procedia nesse comércio que negociava sacas de algodão e de arroz e exportava o salitre ou nitrato de potassa, insubstituível na fabricação de pólvora, desconhecidas que eram naquele tempo, remata mestre Girão, as propriedades dos derivados da glicerina, da celulose e outros. A extração do salitre no Ceará foi confiada ao naturalista Feijó, trazido de Lisboa, e que nos legou valiosas informações nas suas **Memórias**.

O quadro político no Império e na Regência é visto com sobriedade, ressaltando o historiador os episódios que culminaram com a revolução de 1817, examinando a conduta das figuras exponenciais do movimento: Pereira Filgueiras, Martiniano de Alencar, Inácio Benevides, Tristão Gonçalves, Pe. Carlos José dos Santos, Pe. Miguel Carlos, Frei Francisco de Santana e tantos outros nomes empenhados na conquista da so-nhada república nativista que duraria, vitoriosa, no Ceará, oito dias apenas. Movimento considerado por Câmara Cascudo, citado por Raimundo Girão, como “a mais linda, inesquecível, arrebatadora e inútil das revoluções brasileiras”.

A insubmissão de 1824 é analisada em todos os seus procedimentos, desde o dia 9 de janeiro, quando a Câmara da Vila de Campo Maior de Quixeramobim resolve declarar “excluído do trono o Imperador e decaída a dinastia bragantina”, até ao desmoraamento da efêmera república cearense, e o fuzilamento dos adeptos da República do Equador, lamentável episódio em que perderam as vidas, no Campo da Pólvora, depois Praça dos Mártires, hoje Passeio Público, o Pe. Gonçalo Mororó, Pessoa Anta, Francisco Miguel Pereira Ibiapina, Luís Inácio de Azevedo e Feliciano José da Silva Carapinima.

A seguir o historiador vai deter-se em alguns dos aspectos mais significativos da política cearense no segundo reinado: a participação na Guerra do Paraguai e a abolição da escravatura, para destacar a atuação dos briosos militares cearenses General Tibúrcio e General Sampaio naquele “rude mas glorioso embate das armas nacionais”, e a participação na campanha antiescravista de sociedades e agremiações, como a Loja Maçônica Fraternidade Cearense, Sociedade Perseverança e Porvir, Sociedade Cearense Libertadora e Centro Abolicionista 25 de Dezembro.

Seis capítulos são dedicados ao estudo da política cearense na República. Neles estão resumidas as lutas partidárias entre conservadores e liberais ou **caranguejos e chimangos**, como o povo os preferia chamar; as oligarquias; os governos Nogueira Acioli e Franco Rabelo; a sedição de Juazeiro, os conflitos em que avultam os nomes de Floro Bartolomeu e do Padre Cícero Romão; a administração Benjamim Barroso e a apavorante seca de 1915, cujas conseqüências foram terríveis para a economia do Estado, com a emigração de 42.000 cearenses, a morte de aproximadamente 30.000 e a perda de um milhão de cabeças de gado vacum.

Seguem-se referências aos governos João Thomé de Sabya e Silva e Justiniano de Serpa e à vida política às vésperas da revolução de 1930. Uma síntese retrata a evolução da política a partir de 30, passando pelo Estado Novo de 37 e chegando à reconstitucionalização do País.

A educação e a cultura têm registro próprio na **Pequena História do Ceará**, assinalando-se o começo da educação e do ensino no Estado com a instalação do Liceu em 1845; a que se segue a fundação de educandários particulares, entre os quais merece referência o Ateneu Cearense, inaugurado em 1863, onde estudaram Capistrano de Abreu, Clóvis Beviláqua, Tomás Pompeu de Sousa Brasil, Domingos Olympio, Rodolfo Teófilo e tantos outros ilustres nomes; o aparecimento das primeiras escolas de ensino superior, para culminar com a criação da Universidade e da Secretaria de Cultura. Assinala o autor a contribuição oferecida pela Biblioteca Pública, que começou a funcionar em 25 de março de 1867. Na parte referente à vida

cultural, destaca Raimundo Girão a participação ativa e fecunda do Instituto do Ceará, dos grupos de intelectuais que fundaram a Academia Francesa e a Padaria Espiritual, bem assim a atividade cultural desenvolvida em agremiações como a Fênix Caixeiral e o Clube Iracema, célebres não somente pelos bailes, mas pelos recitais e audições, pelos conferencistas que se faziam ouvir pela sociedade que acorria àqueles salões.

A vida cultural espelha-se ainda nas redações do **Ceará Ilustrado** (1924) e da revista **Maracajá** (1929) e ainda na Casa de Juvenal Galeno, e mais tarde no Grupo Clã, que resultou do 1.º Congresso de Poesia do Ceará, de 1942.

A vida religiosa é historiada em capítulo à parte, assim como outros episódios do grande painel da história cearense, como as secas e a emigração, a conquista do Acre pelos nordestinos, entre eles avultando pelo heroísmo e valentia os flagelados do Ceará.

Conclui Raimundo Girão o seu roteiro analisando as transformações econômicas, sociais, políticas e culturais do Ceará contemporâneo. Entre estas sobressaem as resultantes do ciclo do automóvel, a partir das obras federais de combate aos efeitos das secas, no governo Epiácio Pessoa, quando se ligou o sertão mais intimamente à Capital, descortinando novos horizontes ao homem. Diz o historiador que o automóvel e o **cas-saco** mostraram ao matuto coisas desconhecidas, idéias e desejos novos, vontade nova e o transformaram. O comércio passou do costado dos jericos para os caminhões. Os jagunços e mandões criminosos assustaram-se com o barulho dos motores de explosão e desapareceram. As moças das casas de fazenda, que só ouviam o mugido dos bois e os cantos dos vaqueiros, viram os **moços de fora**, engenheiros e feitores de obras que as tiraram de lá, como esposas, para o bulício da cidade. Os coronéis do mato leram os jornais e ficaram sabendo aquilo que ignoravam.

A pecuária e o algodão desenvolveram-se, indo a eles juntar-se outros produtos como as oleaginosas e os minérios, e o caju, a que Raimundo Girão dá uma nota especial, enriquecendo a bibliografia sobre este extraordinário fruto.



Assim, com engenho e arte, Raimundo Girão chega ao fim da sua história que não é pequena. Uma história moldada na experiência e no conhecimento, elaborada na medida preconizada pelo grande mestre da historiografia portuguesa, Oliveira Martins:

“A história é sobretudo uma lição moral: eis a conclusão que, a nosso ver, sai de todos os eminentes progressos ultimamente realizados no foro das ciências sociais. A realidade é a melhor mestra dos costumes, a crítica a melhor bússola da inteligência: por isso a história exige sobretudo observação direta das fontes primordiais, pintura verdadeira dos sentimentos, descrição fiel dos acontecimentos, e ao lado disto, a frieza impassível do crítico, para coordenar, comparar, de um modo impessoal ou objetivo, o sistema dos sentimentos geradores e dos atos positivos.”<sup>3</sup>

Na **Pequena História do Ceará** Raimundo Girão colocou todo o carinho pelo nosso Estado, que conhece como ninguém, procurou a objetividade e a conseguiu, descreveu a terra com fidelidade, retratou-a com justeza. A sua história é a história de todos nós, cearenses ou não, que têm neste rincão a sua morada, dos nossos ancestrais, dos pioneiros e colonizadores. Nesse roteiro o leitor não se perderá nunca, pois mestre Girão é seguro timoneiro e não deixa o barco à deriva, pois que construiu a sua obra com grandeza e serenidade, sem deixar-se jamais tocar pela parcialidade ou pela paixão.

---

(3) MARTINS, Oliveira — **História de Portugal**. Guimarães Editores, 14a. edição, Lisboa, 1964, pág. 7.